



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NAIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 4\$00.—Semestre 8\$00.—Ano 16\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre—9\$50 Anos 19\$00.
ESTRANGEIRO: semestre 14\$50.—Ano 29\$00.

NUMERO AVULSO, 30 cts.

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43—LISBOA

Sapataria JANUARIO

Calçado de luxo em todos os generos
pelos mais cultos modelos
MEIAS FINAS

78, R. de S.ª Justa, 80

JANOTAS???

Sejam economicos!!!
Como vestir bem e barato???

So na alfarrataria JANOTA

Onde se vizam fatos e sobretudoos ficando
como novos, baratos e no rigor da moda.

Acceptam-se fatos a feitura
Rua do Sol ao Rato, 215

Postal a S. MADEIRA

Electrico da Estrela (á porta)

MEDALHA VITORIA

A casa que primeiro as põe á venda
é a **Casa Buttuller**

87, TRAVESSA DE S. DOMINGOS, 89

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA—39, R. Corpo Santo, 41

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa

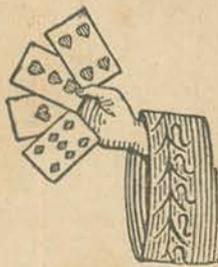


M.ª M. BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpeniquey, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram.

Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 500, 1000 e 1500.

M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou resmbolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina)

Ver na próxima quarta-feira o

SUPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS (DO SÉCULO)

Preço 20 centavos

SEMORI

É o melhor desinfectante para a "toilette" intima das senhoras. Vendem: A. D. Marques, Limitada — Rua do Ouro, 200 —

CASA RUBI

Telefone: Central 3851

Iluminação, higiene e aquecimento.

120 — R. DOS RETROZEIROS — 122

LISBOA

Plissados

Executam-se pelo systema de Paris na
RUA DO AMPARO, 66, 3.º, E.

"AIGLON"

GRANDE CHAMPAGNE
THE ANGLO PORTUGUESE
AND COLONIAL C.º

Praça dos Restauradores, 13, 3

TABACO REVENDA!!!

Chegou grande remessa ao mais importante armazem. Holandez—Gira—Veado etc., assim como Algorianos 15\$00 o quilo, Insulano forte a 14\$00 quilo. Sortido monstro, charutos cigaros e papeis de fumar.

Lisboa Postal—GUILHERME & FALCÃO
82, Rua do Arsenal, 82

MESQUITA & VILA NOVA LT. DA

Ourivesaria e Joalheria

Completo sortido — Compra puro

58, Travessa de S. Domingos, 60

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 798

Lisboa, 4 de Junho de 1921

30 Centavos



BETTY BLYTHE, que no Teatro Lirico de New-York acaba de interpretar a «Rainha do Sabá», prodigiosa estatua animada com que o presente sonhou reviver os tempos maravilhosos do rei Saicmão

CAPA : — JUSTINE JOHNSTONE, uma das mais lindas actrices cinematographicas americanas

VIAJANTES ILUSTRES -NILO-PEÇANHA-



1. O sr. dr. Nilo Peçanha.

2. O sr. dr. Nilo Peçanha e o pessoal diplomático da Legação dos Estados Unidos do Brasil.

5. Mme. Nilo Peçanha.



4. A bordo do rebocador que do «Lutetia» trouxe para o Arsenal da Marinha o sr. dr. Nilo Peçanha.—5. A gun- aspectos da assistência e elegante.—6. A bordo do «Lutetia». Grupos de admiradores do ilustre homem público brasileiro, vendo-se entre eles o sr. dr. Magalhães Lima,



7. No Arsenal da Marinha após o desembarque. O sr. dr. Nilo Peçanha troca as primeiras palavras em terra portuguesa.



COMO ME ESTREI



NO TEATRO

Eu sempre tive uma certa tendência para a Arte de Talma, resta que a crítica declare, não no peito e verdade nos bicos da pena, se a Arte de Talma tem alguma tendência para mim.

Entrei para o teatro, não por necessidade de viver—graças a Deus!—nem porque me faltassem aptidões para qualquer outra ocupação; entrei para o teatro porque a arte dramática fazia parte integrante de mim mesma, porque me sentia impelida para ali por uma força irresistível que eu própria não saberia explicar, se mo perguntassem.

Foi assim que eu debutei no Teatro da Trindade, com a peça «O Fado», na noite de 20 de Julho de 1919, que bem memorável me ficou.

Quem nunca pisou o palco e sentiu na sua frente, alterosa e ululante, a hidra das mil cabeças, não pode avaliar quanta soma de coragem é necessária para conseguir balbuciar pela primeira vez o «papel» que o «ponto» segreda mais baixo que nunca.

Tudo nos parece hostilizar... até o autor da peça que, por detraz dos bastidores, nos contagia da sua incertesa pungente.

O unico pensamento é este «o que sairá dali?»

Gostaria que todas essas cartomantes, quíromantes, clarividentes que para af nos segredam as surpresas do que ha de vir, deixassem a sua profissão de desvendar misterios e, trepando para as taboas do palco, se pudessem furtar ás torturas da incertesa.

Confesso: a noite da minha estreia foi cheia de emoções fortes e torturantes. Não estava em mim, nem segura, tinha a noção que pisava uma grossa alcatifa onde os pés não tinham firmeza, nem apoio resistente.

—por Celeste Ruth—

Quando encarei a plateia tive a impressão de que toda aquela gente estava ali para me fazer mal.

Lá dentro,—lembro-me bem—o contra regra reprendia asperamente uma figurante mais retardataria. Pois a mim parecia que essa repreensão, coada a través dos cenários, me dizia respeito.

Uma noite de anciedade—repito—que só terminou com a descida do pano por entre os aplausos dos espectadores satisfeitos.

Emfim!...

Se alguma vez qualquer actriz vos disser, empavonada, que fez a sua estreia, senhora de si, não a acrediteis. Mente! Toda a gente recebe o desconhecido e o acolhimento do publico é coisa que ninguém conhece antecipadamente.

A propria Sarah Bernhardt confessou algures que teve incertesa na noite do seu debute; a Rejane confessou quasi o mesmo e a Bertini não se limita a contar o seu receio quando se estreou mas a continua incertesa sempre que vai qualquer peça nova.

... E se essas que são as Maiores sentem essas angustias, não seria para admirar que eu—sua humilíssima discipula—sofra do mesmo mal.





REMBRANDT E OS SEUS AUTO RETRATOS



UM REMBRANDT EM PORTUGAL

Auto-retratos de Rembrandt. (Museu do Louvre)



COMO nenhum outro artista, o incomparável mestre do claro-escuro tinha o culto de si próprio. Assim o parece explicar o grande número de retratos seus que produziu. Amava-se estranhamente, com uma ingenuidade pueril que a crítica não poupou. Imputavam-lhe sentimentos egoístas. Em verdade, se os censores seguiam certo filo-

sofo que achava ter o egoísta o coração na cabeça, não deixavam de acertar, atendendo ao elevado número de cabeças suas por si mesmo debenhadas... Mas o certo é que Rembrandt conhecia-se; por isso se idolatrava.

Indiferente ao meio onde viveu, que o não compreendia nem celebrava, levando uma existência de isolamento e de quasi obscuridade, no refúgio das suas colecções, entre discipulos e amigos, que eram o seu publico, infatigavelmente criou a obra soberba e imarcescível que o havia de levar á immortalidade.

Portanto o seu egoismo, o seu amor proprio exagerado, fundamentava-se. Revêr-se em si mesmo, admirar-se, seria glorificar o seu trabalho.

Razão teve, pois, Jacquin, quando afirmou que Rembrandt poderia sem vão orgulho dizer: «A minha nobreza deriva de mim proprio». Formou-se por si, inteiramente, pelo sopro assombroso do seu genio.

Reconhecia-se um triunfador. Isso explicava o seu psiquismo singular.

«Tinha o furor, diz Fromentin, de pousar deante dum espelho e de se copiar, isolado, num pequeno quadro, os olhos nos seus olhos, para si unicamente e pelo simples preço dum toque de luz ou duma meia tinta mais rara incidindo sobre a superficie arqueante da sua caraça de

polpa injectada. Torcia o bigode e procurava efeito á sua cabeleira ondeante; sorria com um labio forte e sanguineo e o seu olhito mergulhado nas espessas saliencias frontaes, dardejava com um olhar estranho, onde havia ardor, fixidez, insolencia e contentamento. Não era o olho vulgar. A mascara tinha planos solidos; a boca era expressiva, o mento voluntarioso. Entre os supercilios o trabalho tinha traçado dois sulcos verticaes, ectasias, e essa prega contraída pelo habito de carregar o sobreceño, proprio dos cerebros que se concentram, retratam as sensações recebidas e fazem esforço de fóra para dentro. Compunha se e mudava de trajo como a gente de teatro. Colhia no



O auto-retrato de Rembrandt, que está no Porto e pertence ao pintor sr. Joaquim Victorino Ribeiro



seu guarda-roupa com que se vestir, cobrir e adornar, punha turbantes, barretes de veludo, feltros, perpontes, mantos, por vezes uma couraça; alfinetava uma joia no gorro, cingia o pescoço com cadeias de ouro ornadas de pedrarias. E por mais que se e tivesse no segredo das suas intenções, chegava-se a perguntar se todas essas condescendências do pintor para o modelo não seriam fraquezas do homem que o artista satisfazia».

Eis o comento magistral da maior parte dos seus retratos, quer saídos do seu pincel prodigioso quer do seu estyete previligiado.

Não são eles todavia em pequeno numero. Max Rooses computa-os inumeraveis.

Esparsos pelos museus contam-se diversos: quatro em Paris, tres em Cassel, dois em Berlim, dois em Florença, dois em D. esde, dois em Hagne, dois em Londres, dois em Vienna, um em Munich, um em Glasgow, um em Liechtenstein.

Que saibamos, mais uma desena se distribue ainda por collecções particulares.

Isto em pintura...

A' serie magnifica ha a acrescentar mais um, unica obra do artista existente em Portugal.

Possue-o o pintor Joaquim Vitorino Ribeiro, no Porto.

E' pintado em tabua de carvalho e mede 0^m,35 x 0^m,45. Como se vê na gravura, Rembrandt apresenta a sua attitude costumada de premeditado arranjo, bigode erguido, o olhar obliquando, perscrutador.

Cremos que foi trasido pelo artista portuense José Teixeira Barreto, beneditino do convento de Tibães, que em 1720 foi a Roma, onde se dedicou a estudos de pintura e gravura. De facto, na relação dos quadros que, por sua morte, em 1810, legou á Congregação de S. Bento (cujo autografo possuímos e já publicamos n' *O Tripeiro*, n.º 89) vem citado um retrato original do grande mestre holandês, de que não houve mais noticia.

Será porventura este?

Rembrandt, «o maior artista germamico», prodigalizando os seus auto-retratos, aprestou

a sua legitima apoteose.

Humano e persuasivo como foi, apesar da ingratição dos seus contemporaneos, não pode deixar de colher, embora tardiamente, a recompensa propria que a sua obra prestigiosa e eterna lhe concedia.

O genio é soberano.

Pedro Victorino.



1 e 2. Auto-retratos do Rembrandt, da galeria de Berlim.

3. Da galeria Pitti, de Florença.

4. Da galeria de Hagne.

5. Do palacio de Glasgow

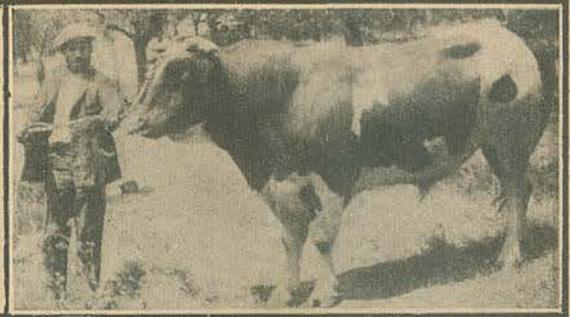
6. Da Galeria de Buckingham.

7. Da coleção Mendessohn, de Berlim.



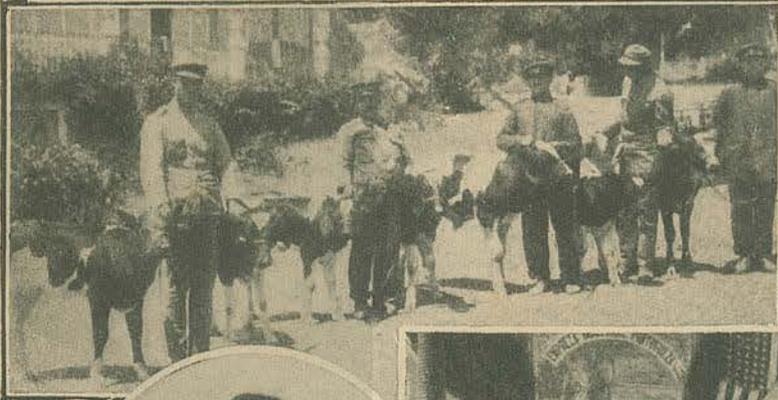
O SAMOVAR,
famoso quadro do
grande pintor Car-
los Reis, que, com
razão, se pode deno-
minar a verdadeira
obra prima do nosso
Salão de Pintura.
De uma tecnica difi-
cil, de uma perfei-
ção soberana, a
formosa tela tem
chamado a atenção
de todos os artistas
e de todos os que pre-
sam as artes. Fica
bem, pois, arquivada
nas nossas paginas.



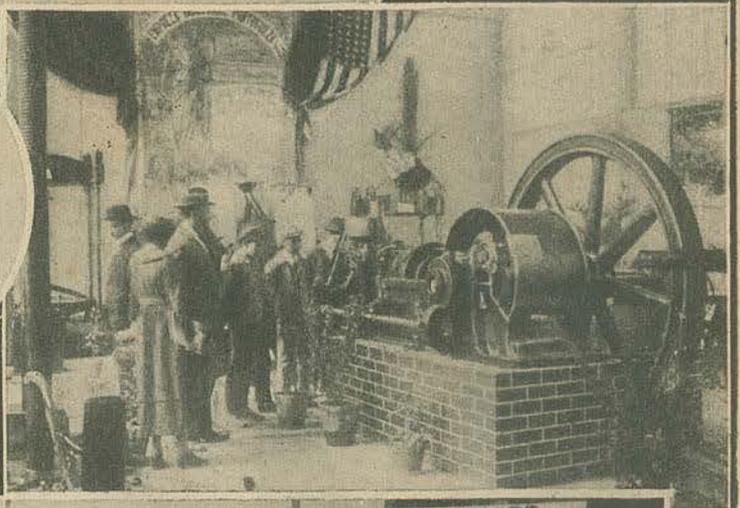


A EXPOSIÇÃO AGRICOLA E FEIRA REGIONAL NA TAPADA DA AJUDA

Animaes premiados: 1. O touro pertencente á Manutenção Militar, raça holandesa.—2. O touro melo s ngue, raça holandesa, pertencente ao sr. João Pereira Aidas.—3. Parada agrícola (crias dos estabulos da M. Militar).—4. A sr.ª D. Maria E. de Miranda Serra, que no Instituto Superior de Agronomia fez uma interessante conferencia.



5. Um aspecto da exposição de máquinas agrícolas.—6. Outro aspecto da exposição agrícola na Tapada.



MÁQUINAS AGRICOLAS E INDUSTRIAES
EDUARDO PINTO DE SOUSA & C. L.
74 RUA 24 DE JULHO 74 E

TRACTORES CASE CEIFEIRAS DE
MOTORES LOCOMOVEIS E DEBULHADORAS "PAXI"

A COMOÇÃO E A ARTE,
SHAKESPEARE E DAUDET.
A COMEDIA E A TRAGEDIA
NOS PALCOS DE TODO O MUNDO



SARA CUNHA

A actriz que no Teatro «Nacional» se tem afirmado um belo elemento scenico.



MARJORIE MAIS

Famosa actriz de Londres (retrato tirado para a «Ilustração Portuguesa»).



PAULINA FREDERICK

Que no cinema soube revelar a figura de «Sapho», a grande figura do romance imortal de Daudet.



MISS MARY GREY

actriz que em Inglaterra, com estrondoso successo, interpretou ultimamente o papel de «Portia», no «Mercador de Venesias», de Shakespeare.



ALICE DELYSIA

Actriz que soube conquistar um grande publico pela intensidade da sua arte requintada.



Premet Beer Lelong Madeleine et Madeleine. Worth Daouillet Premet Chanel

NAS MODAS DA PRIMAVERA PREDOMINA A LINHA DIREITA

Os vestidos estreitos, de linha direita, têm a primazia no momento que passa, procurando-se a originalidade apenas na combinação de cores e nos pormenores da «toilette», que são agora especialmente cuidados.

A casa «Premet» escolhe para um modelo para a tarde, renda verde e setim da mesma cor. A nota distintiva de uma elegante criação de «Beer» em «crêpe de Chine Marron» encontra-se no vivo e carlate das guarnições do cinto e dos «panneaux». «Lelong» escolheu bandas e motivos de pano azul para enfeitar um vestido de «taffetá» da mesma cor.

Um «tablier» em bico, bandas e uma gas de setim preto dão um gracioso relevo ao modelo em setim preto de «Madeleine & Madeleine». «Worth» enfeita artisticamente um modelo em «taffetá» «beige» com aplicações de «crêpe» encarnado e branco. «Daouillet» pôs em destaque a beleza diáfana das rendas «crème» com nadas com setim «Marron», e Chanel apresenta uma «toilette» de «crêpe de Chine gris» finamente plissada e cheia de refegos.

AS SAIAS PLISSADAS

Paris aceitou definitivamente a saia curta, plissada para a noite, especialmente para «toilettes» de teatro e jantares de pouca ceia. Um modelo com corpo em brocado, de cintura comprida, e sem mangas, tem uma saia plissada de setim preto com uma tira estreita de brocado a guarnecer-lha a borda. «Poiret» enfeita com bordados dourados e preto uma blusa larga em «velours gris», para ser usada com uma saia plissada de sarja azul.

Sequins de aço abrilhantam as longas pontas dobradas e o «corsage» de um modelo «Lanvin» para teatro, de setim verde e «crêpe de Chine» branco. Para a estação de Nice, «Molyneux» apresenta um modelo de «jersey» de seda cor de ouro, enfeitando-o com fita de setim azul. Um gracioso vestido para «jeune fille», desenhado para mademoiselle Darhys, do «Théâtre Nouvelles», tem uma blusa larga de «taffetá» cinzento, bordado a preto e uma saia preta plissada.

TAILLEURS

«Charlotte» recorta a bainha de um distinto «robe-manteau» de «taffetá» azul, bordando-o profusamente com lá grossa cinzenta. Para um vestido em «shantung», de raias largas, «Worth» criou um chic e pequeno casaco, de abas recortadas, em pano preto e fino, forrando-o com o «shantung». Um modelo muito admirado, de «Alice Bernard», é o elegante casaco de «velours» branco, bordado a preto e usado com um vestido de veludo preto.

Uns «panniers» em miniatura dão originalidade e quebram a linha direita do severo modelo de «Worth», em «taffetá» preto com «barrettes» prateadas. Da mesma casa vem o casaco comprido de «shantung gris», em dois tons, com um largo «panneau» nas costas, e o interessante vesti-



Poiret Lanvin Molyneux



Charlotte Worth Alice Bernard Worth Worth Worth



Doucet

Drecol

Dauillet

Lelong

Martial et Armand

Alice Bernard

Martial et Armand

Beer

do para a Riviera, com saia em seda de xadrez preto e branco e blusa de «organdis». O pequeno casaco é de «staffetá» preto.

TOILETTES PARA A NOITE

Vão-se usar os mais delicados e lindos tecidos, tanto para a tarde como de dia e, como manda a moda, os «couturiers» procuram rivalisar entre si, na escolha de uma nota inedita a imprimir ás suas respectivas criações.

«Doucet» coloca artisticamente um cacho de uvas roxas num modelo de veludo preto e forra o «panneau» atrás, com seda verde. Nota-se um acabamento original num vestido de renda e setim preto, na tira de «jais» que se estende de hombro a hombro. Um vestido de «crêpe de Chine» preto de «Dauillet» tem como notas distintivas uma lacha «drabée» e guarnições de pelo de macaco.

«Lelong» coloca applicações de «jais» no corpo e nos «panneaux» de um modelo em renda preta sobre setim.

Uma diatana «écharpe» de rendas prateadas cobre como uma nuvem um vestido de tecido prateado, de «Martial et Armand». «Beer» acrescenta ao seu modelo de setim preto umas hombrieiras e um cinto num tom escuro de rosa.

CAPAS

A mais moderna capa de «Lelong» tem as mangas abertas e os hombros apertados. O tecido é «gabardine» gris, com bandas de pano azul. «Dauillet» apresenta um pequeno abafador «sports», em «bure» cor de rosa, para usar por cima de vestidos ligeiros, e aros.

«Jenny» dá a preferencia a uma capa de «gabardine» preta de linhas direitas, e gola grande, de setim preto com fantásticos bordados em seda. Longas tiras de setim caem da gola. Outra capa, muito «habillée», em fazenda de lã «bige», com bandas de «gazet», de xa ver o braço quasi até ao hombro, apresentando no grande folho mais uma nota original. Aínda outra, em a forma circular, modifica a, em «veours de laine», em «crevés», no estilo Henrique IV. Uma ampla capa lã, de «crêpe de Chine Marron doré», tem uma graciosa gola redonda, franzida nos hombros e presa no pescoço por cordões dourados.

ROBES D'INTERIEUR

Paris toma em devida consideração a importância do «negligé» que junta á utilidade a beleza. Assim, «Premet» idejou um a curiosa «draperie» e encache para um lindo «peignoir» de linhas direitas, em «crêpe de Chine» rosa pallida. Chiffon e setim cor de alface prestam-se admiravelmente a confecção dos pyjamas, profusamente bordados e quasi com aspecto feminino. Sobre uma «sombra» de se im cor de rosa, «Armand et Martial» arranjaram uma capa maravilhosa de renda prateada, com uma serie de pequenas borlas de prata, pelas costas abaixo. «Premet» escolheu «chiffon» verde «jade» pallido para uma saia combinação, e enfeitou-a com rendas crème. Usam-se por debaixo da combinação umas largas calças de «chiffon» e rendas. O outro modelo de «Premet» é de «chiffon» no novo tom «orquidea», guarnecido de «casados» de fita de prata e rendas.



Lelong

Dauillet

Jenny



Premet

Martial et Armand

Premet

Premet

A 7.ª CONFERENCIA PARLA

Realizou-se entre nós a 7.ª conferencia «Parlamentar Internacional de Comercio» e a ela concorreram delegados da Belgica, do Brasil, da China, da França, da Grecia, de Hespanha, da Inglaterra, da Italia, do Japão, da Polonia, da Romenia,



1, 2, 3 e 4— Grupos de congressistas.— 5 e 10. Assistencia elegante ao «garden-party» no jardim de S. Pedro de Alcantara.— 6 e 7. Os

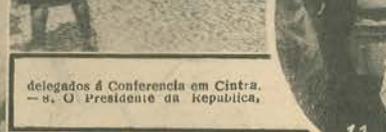


VENTAR INTERNACIONAL DE COMERCIO

da Servia e da Tcheco-Slovaquia. Os delegados á conferencia reuniram no Palacio do Congresso, assistiram a uma festa no jardim de S. Pedro de Alcantara e a uma sessão na Sociedade de Geografia de Lisboa e visitaram Cintra e outros pontos pitorescos do nosso pais, sendo unanimes em lisongearmente se referirem ás encantadoras belezas de Portugal.



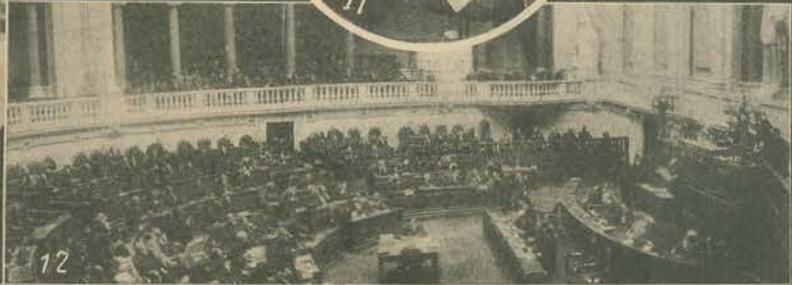
sr. dr. Antonio José de Almeida, entrando para o palacio do Congresso, onde presidia a sessão de abertura da Conferencia.— 9. A sessão do dia 11 de



delegados á Conferencia em Cintra.— 8. O Presidente da Republica,



Lisboa.— 11. No «garden-party». O sr. Ministro da Guerra e officialidade.— 2. A aspecto da 1.ª sessão da Conferencia na sala da Camera dos Deputados.





NA PRIMEIRA SESSÃO DA
 CONFERENCIA INTERNACIONAL
 DO COMERCIO. ALGUNS
 DOS ORADORES

1. Mr. Paul Delombre.—2. Mr. Mallah, deleg. do grego.—3. Mr. John Randles, inglês.—4. Mr. Uhlir, tcheco-slovaco.
 —5. Mr. Stefano, italiano.—6. Mr. Bertrand, belga.—7. Mr. Edmund Morel, francês.—8. Mr. Behrens, delegado da
 Sociedade das Nações

(Croquis de Rocha Vieira)



PELAS PROVINCIAS



1. A Imposição de Torre e Espada á ban'eira do município das Caidas da Rainha. A bandeira condecorada, ministros e assistência.



2. A placa aos soldados mortos na grande guerra inaugurada nas Caidas da Rainha.



3. O sr. João Pereira Victorino Junior, correspondente de «O Seculo» e um devotado amigo das Caidas da Rainha.

4. Um grande artista. O miniaturista Francisco Ellas.

5. Um aspecto da exposição de faianças artisticas, que se realizou no salão do Club de Recreios das Caidas da Rainha, por occasião das festas.

(Clitchés de Armando Silva).



FIGURAS & FACTOS



1. Aspectos da nave central da igreja de S. Mamede, destruída por um incendio. — 2. O grumete Augusto de Oliveira junior que conseguiu arrombar a porta da igreja e salvar de lá algumas imagens.



3. Aspectos do funeral das victimas do desastre da aviação em E. vas, alferes David Simões e o mecânico Gomes da Costa. Os armões cobertos pela bandeira nacional, as corças, e a marinha no funer 1 — 4 Dr.ª Lucinda Pinto a primeira medica formada pela Universidade da India — 5.º O dr. Fausto Nunes Landeiro que acaba de concluir o seu curso na E. M. C. de Lisboa.



6. O sr. Augusto Tito Gonçalves Martins, pte do illustre jornalista Tito Martins, falecido em Castelo de Paiva — 7. O grupo mil tar de "Foot-Ball" que foi a Madrid jogar.

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

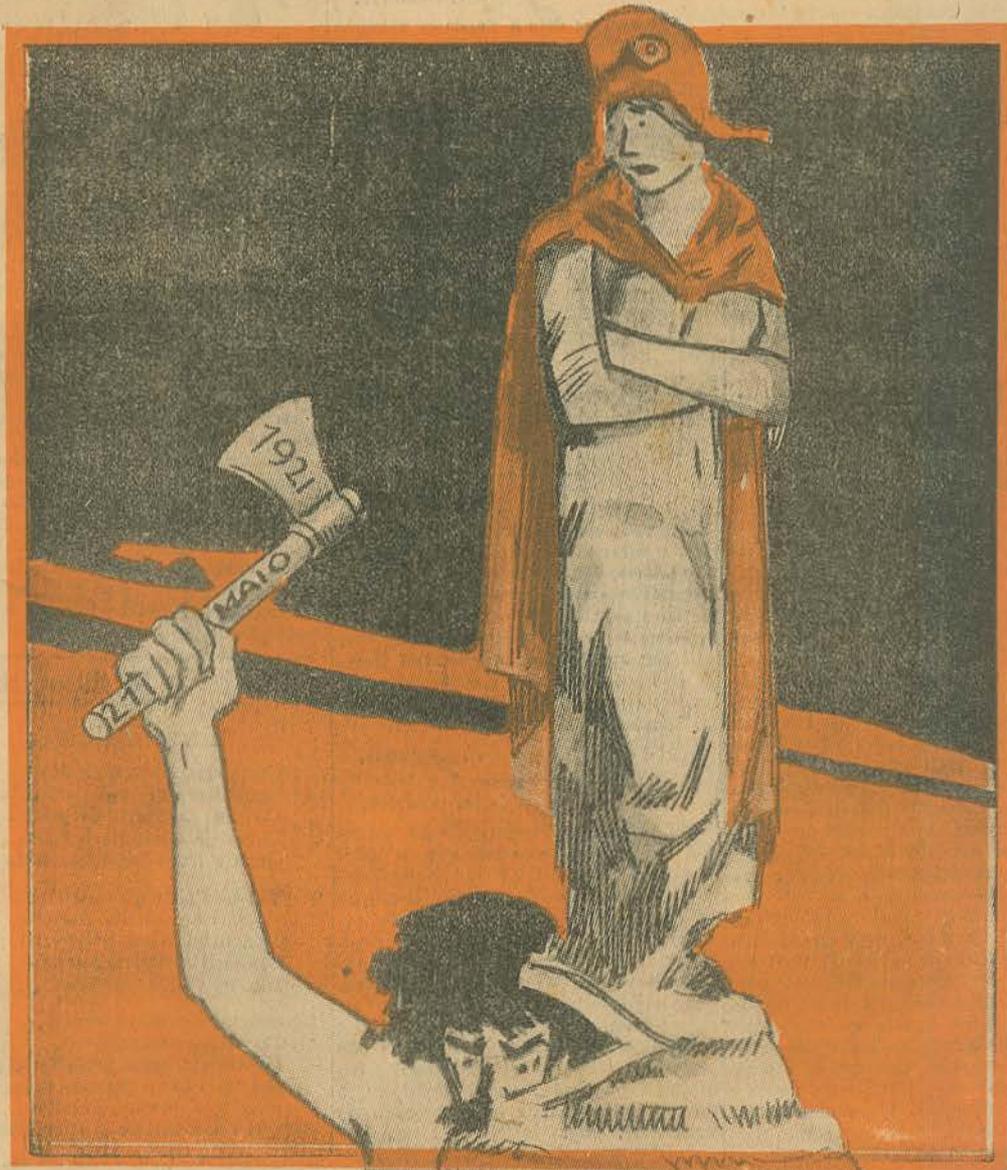


Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.*

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

INABALAVEL



E' preciso que seja muito forte, para poder resistir a tantas machadadas!



PALESTRA AMENA

A' portugüesa

Rapaziada fina

Escrevemos estas alturas do zero do dia 20 de Maio—meia noite, que com vagar soava, nos tempos do Noivado do Sepulcro—depois de termos assistido ao primeiro acto, no teatro de S. Carlos, da revista dos estudantes do 5.º ano do curso juridico, «A torto e a direitos». O 2.º acto vai com car d'aqui a bocadinho, quando já estiver o seu em vale de lençóis, felizmente e quecidos do que acabamos do ver e de ouvir.

Ai, filhos! Oude está aquela antiga alegria acadêmica, das recitas anuais, destrambelhadas, do das, ruidosas, irreverentes—mas engraçadas, dissimadas, nervosas, exuberantes de mocidade? Onde estais, rapazes d'esse tempo, hoj' velhos, que não contais a vossos filhos, para lhes vos imitarem, as lideias suas que fizestes, as cambalhotas n'aquelle palco, o pagole em toda a noite, as girandolas de dios espirituos da scena para a plateia e d'esta para aquella?

Fuzimos depois do primeiro acto, com ssamo-lo, sem desprimor para quem quer que seja. Que carunchosos conselheiros do antigo regime eram aquellos que se arrastava» pelo palco, titubeando, sem uma ousadia—a não ser as d'un moço prigoeiro, que punha os leutes e a escola em leilão, com chiste, e as de Tomaz Colaço, dando á perna com «sal» e requebrando-se com pilheria?

Se aic encheram a peça de referencias politicas, com remoques ao Cunha Leal, ao B-narmino, ao Liberato e a outros como os quais até agora não tiveram ue tratar, felizmente!

Ainda se as tais referencias fossem claras e corajosamente de rachar! Mas não: eram dubias, hesitantes, nem carne nem peixe, para todos os palmares...

Para nós houve apenas uma no'a verdadeiramente juvenil e digna, que talvez nos obrigasse a at'solver a rapaziada, se tivéssemos tido anir o para assistir até final: é que ninguém sabia o seu papel, nem sabia como havia de gesticular e ponceo sabiam quando tinham de entrar ou sair. I so sim; isso é que foi de estudantes, isso é que nos fez ter snudades do passado, em que se representava, nas recitas academicas, tão mal ou peor do que hoje, mas em que havia p'ntancia e talvez—vá lá á franceza—«panaches».

Ah! aquelo espectáculo em Coimbra, dado pela Tuna Academica de Lisboa, com uma parodia á «Inês de Castro», apunhada em scena e d'ixando a cor em fio, da ferida, praticada n'uma bexiga de porco oculta na veste, um vinh uho de beber e chorar por mais! O af n, a graça, com que os «assasinosa» apuravam o liquido em copos e gritavam:—«Sangue! Queremos beber sangue de Inês!»

Na verdade vos dizemos, senhores

do «A torto e a direitos» que, se tivéssemos levado essa peça á scena, a b x ga de porco deveria conter capilé, que de mais não eréis merecedores.

J. Neutral.

Explicações

A'cerca do ultimo movimento revolucionario, estamos constantemente recebendo cartas explicativas, a que não podemos dar cabimento porque, por ora, «O Seculo Comico» não é do tamanho do «Pimes». Publicamos hoje aquellas cujos autores nos metera a empenhos mais fortes e por aqui nos ficamos.

«Sr. redactor:

«Não se tem dito a verdade sobre a minha accão nos acontecimentos que derribaram o governo do sr. dr. Bernardino Machado. Parti para o posto onde me encontraram a mado e prestes a di-parar, porque ha mais de tres semanas que não havia revoluções em Lisboa e isto assim não podia conti-



nuar. Esta é que é a verdade. Creja na palavra honrada do seu leitor assiduo.

X. P.»

«Sr. redactor.

«Permita-me que venha á estacada para r futar algumas falsidades que tenho ouvido acerca da minha intervenção na revolta que se teve para rebentar ha dias. Como em tudo, «cherchez la femme»—e foi uma entrevista que eu tinha apiazado com a menias Tereza de Jesus, uma sua criada, que me levou para as bandas do Cabeço de Bola. Sem mais, seu muito obrigado

F. 2.º cabo.»

«Sr. redactor.

«E' preciso que a verdade se aclare por uma vez, para eu não ver o meu nome nos jornais e não ler as descompasturas que me dão, ora pela banda do sr. Alvaro de Castro, ora pela do sr. Liberato Pinto, ora pela do sr. Procopio, etc. etc. Tomei parte no movimento—dizo-o sem receio de consequencias—porque Maria vai com as outras e eu cá por mim tanto se me dá como se me deu. Se pega, pega, se não peg é graça, para de nte é que é o caminho e quem não aparece esquece. Crê ter-lho dado todas as explicações e de v. mt.º at.º obg.

L. S. T.»

Os pobres estrangeiros que tomaram parte na Conferencia Internacional do Com reio, viram-se livres de nós e ainda lhes parece um sonho. Enquanto se lembrarem do que por e passaram, não tem vontade de olhar para o occidente da Europa...

Ha menino que foi comido para um ano. Temos a vista o diario d'um dos congressistas; os outros afinam por este:

«Dia 20—Hoje comi 8 leitões, 16 perd. 24 passalvas e 123 pratos diversos. Babi 25 garraf. ss.»



«Dia 21—Tive hoje 15 almoços, 18 lanches, 19 jantares, 53 merendas e 16 celos.»

«Dia 22—Durante estes dois dias não assisti ás sessões, porque estire a vomitar...»

Di 25—Hoje 54 almoços, 23 lanches 29 jantares, 82 merendas, 151 ceias—fora 123 chás das cinco.»

«D a 26—Reben ei esta manhã...»

«Dia 27—Os medicos, como s' faz em E-panha aos cavalos, nas touradas, recolh ram-me as trip's e coseram-me a barriga, porque é indispensavel que eu coma mais...»

«Dia 28—Comi ao almoço uma vara de porcos, ao jantar um bando de pordezos e á ceia uma mandra de bo s...»

«Dia 29—Hoje eston apenas á frutas. E' meio dia e já ca cantam quatro centos de laranjas e dois cachos de banana...»

«Dia 30—Rebentei outra vez e agora creio que fiquei sem concerto!»

LOGARES SELECTOS

Casuistica

Um padre de largo peito
Exclamava em voz profunda:
—«Sim, carissimos irmãos!
Deixai lá queixum e vão:
Quanto Deus faz é ben. feito!»

Vai-se d'all um corcunda:
—«Salvo o devido respeito,
Já nem maraca é defeito!...
Sou eu não e escoreito?»
Eie, ao ve-lo, com efeito,

Sem poder olhar direito,
De pésoço contrafeito,
Hombrs largos, peito estreito
Recendo os pé. com as mãos:
—«E que duvida, cristãos!
Que é um corcunda «perfeito!»

(De JOÃO DE DEUS)



Certame de tradutores

Acta

Os abaixo assinados, tendo-lhes sido presente 529 traduções da poe ia franceza «La telegrafia sans fils» declarãam que perfeita, o que se diz pe feita, n-nhuma d'elas é. No entanto, c-mo tudo é relativo no mundo, que ha muito deixãmos, damos licenca para se publicar, pela graça que tem, a que abaixo se segue, mencionand-nós, tambem honrosamente, as traduções de J. de L. (Angola), Jota (Elois), B. A. (Estremoz), R. C. Miguel Alves de Lina Soares, Antonio Ro rigues Santos, Antonio Doira, Ana Ma go ida, J. F., An-oto Figueiredo Vasconcelos, Figueiredo Santos, Libi, João Perdigão, Eduardo Cruz, Madu o III.

Luiz de Camões

M-nu-i M. Barbosa du Bocage
Visconde de Almeida Garrett

Segue o corpo de delicto :

A telegrafia sem fios

De Pena-Garola,
A é a Bugio,
A telegrafia
Que não tem um fio,
Dá ao sexo forte.
(Caso não vulgar!)
Muitissima sorte,
Para namorar...

Esta descoberta e peras,
Que já tem servido aos «beefs»,
Serve tambem e deveras,
A diversos «pendentifs»...

Po que quem quizer,
Pode a uma mulher

Dizer quanto lho quer bom,
Só pelo ar,

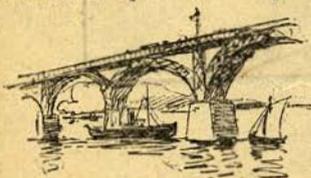
Sem o saber mais ninguém,
E sem ninguém «óservar»...
E até, s-m perigo ou damno,
Dar-lhe um beijo arteziano,

E um bavano
No marido
Aborrecido!...

Labroste

A ponte sobre o Tejo

Temos cá um palpite que d'esta vez é que vai. Lá de quando em quando aparece um sujeito que se propõe a construir uma ponte de Lisboa para a



Outra-Banda, sujeito que logo desaparece.

Agora, porém, a coisa cheira-nos—

EM FOCO

Tomé de Barros Queiroz



Não sei por quê, ha muito me palpita
Que quem pode cortar pelo direito
É este sensatissimo sujeito,
Pois me parece que não vai na fita.

Se o d'scalabro d'esta vez evita,
Se faz, como supõe, obra de geito
Acendo a S. Tomé, por seu respeito,
Uma vela carissima e bem dita!

O que vejo peor é que a cadeira
De quem vai presidir, quer o destino
Que seja, ao que parece, traiçoira;

Aquilo tem microbios, imagino:
Quem n'ela se repimpa faz asneira
E fica sempre um pouco bernardino...

BELMIRO.

por que, sem duvida, a ponte, n'este momento, corresponde a uma necessidade. De que mais necessitamos nós? De dinheiro? Não. De juiz? Não. De trabalhar? Não... De ir a pé a Cacilhas? Sim.

Este isolamento em que vivemos, este desconhecimento que os lisboetas tem dos burros de Cacilhas e vice-versa, é um facto lamentavel; com a Espanha grita-se a todo o momento, não se faz o inter-cambio intelectual—e com a Outra-Banda, dizemos nós, não se faz o inter-barrical.

De mais, o proponente não quer nada do Estado, nem, parece, cobra á direitos de portagem, o que é inexplicavel, porque não se vê que interesse tenha em dotar os povos das duas margens do Tejo com tal melhoramento. Querem ver que é algum novo-rico, que vai requerer o monopolio dos suicidios?

O diabo o jure!

Fóra a parelha!

Um dia d'estes uma senhora, muito do nosso respeito, fez a uma conferencia feminista, na qual revelou esta espantosa coisa: que no Algarve as cam



ponezas são atreladas a carros e arados juntamente com os burros!

Confessamos a nossa ignorancia e a indignação que a revelação em nós produziu. Habitados a não batermos numa mulher nem com uma flor, como concebemos que uma besta d'un homem consinta que a esposa, a filha ou mesmo uma criada aparelhe com um burro?

Senhores: se ha aí quem nos queira

acompanhar ao Algarve, a libertar o sexo fragil de tão deprimente companhia, estamos prontos a partir e a fazer justiça, castigando os selvagens culpados. Mas, como não é justo que os burros deixem de ter quem os ajude a puxar, como não é justo nem conveniente que as terras deixem de ser lavradas, levemos de Lisboa quem substitua dignamente as dimas fracas e sem forças e quem não desamaneche a harmonia do conjunto, como soue dizer-se. Vamos e levemos burros, que os temos cá em abundancia, graças a Deus.

Torre de Chifre

As côres

É' no arco de aliança
Onde vós as encontrãis
Até onde a vista alcança
Nas tardes inverniais.

Lá está o amarelo
Cór do nosso desespero
Entretanto muito belo
Porque é muito sincero

Lá está o azul
Que é o ciúme violento
E lembra o vento sul
Quando ha muito vento.

Lá está o verde tambem
A esperanza no futuro
Cór da onda que vai e vem
Bate no rochedo mais duro.

Lá está o encarnado
Cór de fogo do arrolho
No mundo muito sublimado
Tão bonito como o sol.

É' no arco da aliança
Onde vós as encontrãis
Quando o temporal amansa
Logo depois dos temporais.

ALBERTO ROSA TELHAL.

Mais uma...



— Achato-lhe o bôquê, seu Mexico d'uma figa